

ANALOGIAS E METÁFORAS NA EDUCAÇÃO AFETIVO-SEXUAL

ANALOGIES AND METAPHORS IN THE AFFECTIVE-SEXUAL EDUCATION

Ronaldo Luiz Nagem¹
Silvia Eugênia do Amaral²

¹Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais/Departamento Acadêmico de Educação/Mestrado em Educação Tecnológica/ Grupo de Pesquisa AMTEC/CNPq, nagem@twi.com.br

²Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte/Mestranda em Educação Tecnológica/Grupo de Pesquisa AMTEC/CNPq, seamaral2000@yahoo.com.br

Resumo

Esse estudo discute duas questões relativas à educação sexual e as analogias e metáforas como recursos de pesquisa e ensino nessa área. A primeira é sobre a questão da construção da identidade de gênero no Brasil a partir das analogias oriundas das denominações populares (ou metafóricas) dos termos: genitais masculinos, genitais femininos e intercuro sexual; A segunda compara as correntes metodológicas da Educação Afetivo-Sexual de ATUCHA (apud YAÑES 1991) com a teoria das Metáforas Conceituais de LAKOFF & JOHNSON (2002). Os resultados apontam algumas considerações sobre o envolvimento dessas analogias e metáforas na educação sexual e sugerem o uso metodológico das mesmas como ferramentas educacionais, permitindo a revisão de conceitos, comportamentos e crenças morais, contribuindo com a desconstrução de mitos, ideologias discriminadoras e tabus.

Palavras-chave: Analogias, Metáforas, Educação Sexual, Identidade de Gênero, Correntes Metodológicas.

Abstract

This Study discusses two points relative to sexual education and the analogies and metaphors as research and education source in this area. The first is about how the genre identity is built from the analogies made from popular denomination (or metaphorical) from the terms: male genitals, female genitals and sexual intercourse; the second compares the methodological chains of sexual education of ATUCHA (apud YAÑES 1991) with the Conceptual Metaphors theory of LAKOFF & JOHNSON (2002). The results points some considerations over the involvement of these analogies and metaphors in sexual education and suggest the methodological use of it as educational tools, to allow the review of concepts, behaviors and moral beliefs, contributing with the deconstruction of myths, discriminating ideologies and taboos.

Keywords: Analogies, Metaphors, Sexual Education, Genre Identity, Methodological Chains.

I - INTRODUÇÃO

Analogias e Metáforas são recursos comuns encontrados na linguagem e no pensamento. De acordo com DUIT (1991) analogias podem ser consideradas como comparações explícitas entre domínios diferentes, enquanto as metáforas são comparações implícitas.

Portanto, ao usarmos uma analogia, o termo comparativo entre os domínios é claro, enquanto na metáfora ele assume caráter interpretativo. Como exemplo podemos citar a expressão na música de Rita Lee “sexo é esporte”¹. Trata-se de uma metáfora, pois podemos interpretar que sexo é competitivo, performático, divertido, mas também podemos estar querendo dizer que ele é cansativo ou qualquer outro aspecto. Porém, ao falarmos, “sexo é divertido como um esporte”, trata-se de uma analogia, pois fica claro o aspecto comparativo.

Segundo NAGEM (1997) as analogias podem gerar experiências de aprendizagem ao usar o conhecido para explicar o desconhecido, enquanto ZANOTTO et alii (2002) considera que as metáforas possam fazer o mesmo como transposição do sentido próprio ao sentido figurado e como uma operação cognitiva.

Na década de 80, LAKOFF e JOHNSON (2002) demonstraram que as representações metafóricas são parte fundamental da natureza de nosso sistema conceitual (o modo como percebemos o mundo ao nosso redor, outras pessoas e nós mesmos), introduzindo assim o termo Metáfora Conceitual. Logo, é possível conhecer mais sobre um conceito investigando por quais metáforas ele é representado (SOUZA, 2003).

O surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação, MEC/BRASIL (1998), introduziu a Orientação Sexual (Educação Sexual) como um dos seus conteúdos transversais, o que fez com que a mesma passasse a ser claramente trabalhada em escolas de todo o País.

No entanto, as diferentes formas como ela costuma ser trabalhada, as chamadas *Correntes Metodológicas*, nos dizem muito sobre as concepções de sexualidade presentes nos educadores e nos educandos, que podem reforçar ou não mitos e tabus.

Popularmente, encontramos vários termos utilizados para que referências sejam feitas tanto aos genitais masculino e feminino quanto ao intercuro sexual. Esses termos, geralmente denominados “palavrões”, contêm metáforas que podem passar despercebidas e contribuir negativamente para a questão da construção da identidade de gênero e sexualidade no Brasil, devido ao fato de estarem demasiadamente arraigadas na linguagem popular. Segundo DOUGLAS (*apud* HIGHWATER, 1992), “O corpo deve ser encarado como uma metáfora da sociedade; há uma forte correlação entre o modo como as pessoas vêm seu corpo e o modo como vêm a sociedade a que pertencem”.

Dessa forma, acreditamos que o estudo e análise metodologicamente estruturados, dessas metáforas conceituais possam contribuir para a educação afetivo-sexual. Portanto, nesse trabalho serão tratadas duas questões básicas:

- a construção da identidade de gênero a partir das analogias oriundas das denominações populares (ou metafóricas) dos termos já citados com suas conseqüentes implicações na educação sexual;
- a comparação das correntes metodológicas da Educação Afetivo-Sexual com as metáforas conceituais advindas das mesmas.

¹ Música – Amor e Sexo - Composição: Cilze Mariane Costa Honório, Rita Lee, Roberto de Carvalho e Arnaldo Jabor, interpretada por Rita Lee em seu disco “Balacobaco” lançado em 2003 pela Gravadora Som Livre.

II - ASPECTOS TEÓRICOS

1- A Identidade de Gênero como Parte da Identidade Sexual

Segundo DIAZ & OLIVEIRA (1998 – pp 142-150), Identidade de Gênero:

refere-se as relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que resultam de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais.

Ela é construída no momento que a família deseja que o bebê nasça com determinado sexo ou no momento em que é informada sobre o mesmo. Dessa forma, as “roupas rosa para meninas e azul para meninos”, comuns em nossa cultura atual, são expressões explícitas dessa conduta.

As meninas são incentivadas a serem passivas, sensíveis, frágeis, dependentes. Seus brinquedos e jogos infantis reforçam o papel de mãe, dona de casa, responsável conseqüentemente por tarefas como o cuidado com os filhos e com o lar.

Os meninos brincam em espaços abertos, na rua: de bola, de carrinho, de guerra, são sempre incentivados a ser fortes, valentes, independentes. Desde pequenos se dão conta de que pertencem ao grupo que tem poder. (DIAZ & OLIVEIRA, 1998)

A desigualdade existente entre homens e mulheres pode ser identificada principalmente em torno de quatro eixos: Sexualidade, Reprodução, Divisão sexual do trabalho e Âmbito público e cidadania.

2- Identidade Sexual

A identidade Sexual, nesse estudo, é compreendida a partir de três dimensões: Biológica, Gênero e Orientação de desejo:

A *Dimensão Biológica* é definida pelo genótipo e fenótipo, pelas características externas observáveis e invariavelmente descritos como:

- sexo masculino – macho, presença do pênis (XY) e...
- sexo feminino – fêmea, presença da vulva (XX).

A *Dimensão de Gênero* é definida pelos papéis sociais impostos culturalmente às pessoas. Usualmente se atribui o papel de homem aos indivíduos com caracteres sexuais externos masculinos e o de mulher a indivíduos com caracteres sexuais externos femininos.

Contudo, isso não é a regra, já que os papéis de homem e de mulher são atribuições sócio-histórico-culturais definidos em cada contexto específico. Como exemplos, podemos citar os casos dos “cuidadores” polinésicos e dos eunucos:

Ainda hoje, em algumas ilhas da Polinésia, encontramos casais que não possuem filhas e elegem um dos filhos para desempenhar o papel de “cuidador” dos pais na velhice. A ele é dada a identidade de gênero feminina para que possa exercer adequadamente a função. Esse papel social não implica em perda de nenhuma característica biológica externa sexual masculina, no entanto, traduzem em mudanças no vestuário, modos de ser e agir socialmente.

Até recentemente, algumas sociedades produziam os eunucos, isto é, indivíduos de sexo biológico masculino que sofriam mutilação da bolsa escrotal para exercerem papéis sociais específicos como cantores ou guardiões. Eles saíam do papel de homem sem, contudo preencher os quesitos para exercerem o papel de mulher, mas correlacionando-se a esse.

Já as *Orientações de Desejo* são definidas como: *Bissexualidade* – indivíduos que praticam atos sexuais com pessoas do mesmo sexo biológico que o seu ou com pessoas de sexo biológico diferente, *Heterossexualidade* – indivíduos que praticam atos sexuais com pessoas de sexo biológico diferente do próprio, e *Homossexualidade* – indivíduos que praticam atos sexuais

com pessoas do mesmo sexo biológico. Essas orientações podem ou não ser exclusivas ao longo da vida do indivíduo, e normalmente não dependem de escolhas pessoais, mas de uma série de circunstâncias e de contextos sócio-históricos onde esse indivíduo está inserido.

O indivíduo pode apresentar as mais diversificadas combinações entre as três dimensões de sua sexualidade e nenhuma é considerada patologia, e sim expressões da individualidade sexuada.

Quadro 1: Dimensões da Identidade Sexual

| Dimensões | Categorias |
|----------------------|---|
| Biológica | Macho - XY Fêmea- XX |
| Gênero | Homem Mulher |
| Orientação de desejo | Heterossexual Homossexual Bissexual |

Fonte: AMARAL (2002)

3- Analogias e Metáforas na Construção de Conceitos de Gênero no Brasil.

Os conceitos de masculino e feminino definidos no Brasil, segundo a pesquisa de PARKER (1998), podem ser assim resumidos:

A visão de masculinidade é bem delineada e unificada. É uma visão de poder, de ação e virilidade, ajustada à absoluta dominação do patriarca sobre todos que o rodeiam. A visão complementar da feminilidade, entretanto, é bem mais complicada. É sem dúvida, de inferioridade e submissão em face da autoridade patriarcal. “... elaborou-se uma caracterização mais diversificada da mulher, encadeando, mas, ao mesmo tempo, diferenciando visões da esposa e mãe legítimas de um lado, das imagens da concubina de outro. Que essas figuras fossem tão bem combinadas numa única representação da mulher é, claramente de crucial importância, pois permitiu que a noção de mulher, como uma estrutura ideológica, fosse muito mais facilmente manipulada, numa variedade de maneiras, para reforçar e legitimar a estrutura de dominação patriarcal”. Essas visões fornecem um modelo ideológico que continua exercendo profunda influencia sobre a maneira pelas quais as mulheres brasileiras têm sido conceituadas e classificadas - as formas pelas quais uma compreensão da feminilidade tem sido construída no correr da vida cotidiana. PARKER (1998, pp. 55-62)

O quadro nº. 2 demonstra exemplos que reforçam a matriz ideológica patriarcal, são listas metafóricas que circulam na internet e explicitam o olhar de exclusão por gênero e a “irremediável” situação da mulher:

Quadro nº. 2: “Injustiça na língua” – Metáforas circulantes na internet.

| Termo masculino | Termo feminino |
|--|-----------------------|
| Bonequinho: brinquedo. | Bonequinha: puta. |
| Vagabundo: homem que não trabalha. | Vagabunda: puta. |
| Dado: homem de bom trato. | Dada: puta. |
| Boi: homem gordo, forte. | Vaca: puta. |
| Tiozinho: irmão mais novo do pai. | Tiazinha: puta. |
| Ambicioso: visionário, enérgico, com metas. | Ambiciosa: puta. |
| Pistoleiro: homem que mata pessoas. | Pistoleira: puta. |
| O galinha: o "bonzão", que “traça” todas. | A galinha: puta. |
| Mascarado: homem que oculta sua identidade (Zorro, Homem-Aranha, Batman, etc.) | Mascarada: puta. |
| Homem da vida: pessoa letrada pela sabedoria adquirida ao longo da vida. | Mulher da vida: puta. |
| Atirado: semelhante a aventureiro, sempre disponível. | Atirada: puta. |
| Garoto de rua: garoto pobre, que vive na rua. | Garota de rua: puta. |
| Homem público: indivíduo que se consagra à vida pública, ou que a ela está ligado. | Mulher pública: puta. |
| Aventureiro: homem que se arrisca, viajante, desbravador. | Aventureira: puta. |
| Puto: nervoso, irritado, brabo. | Putta: puta. |

Fonte: original

4- Termos da Educação Sexual Utilizados

Para melhor compreensão da metodologia, seguem as definições de termos da Educação Sexual utilizados nesse estudo com os participantes da pesquisa:

Sexo - refere-se às características biológicas de homens e mulheres, como os caracteres sexuais secundários (genitais, e outros) decorrentes da ação hormonal SOBOTTA (1977).

Gênero –s. m. 1. Grupo de seres que têm iguais caracteres essenciais. ... 4. Gram. Flexão pela qual se exprime o sexo real ou imaginário dos seres. 5. Espécie, casta, raça, variedade, sorte, categoria, estilo etc. S.m.pl. ² O termo segundo DIAZ & OLIVEIRA (1998) é ainda mais abrangente e destaca os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres.

Genitais masculinos - por genitais se entendem os caracteres sexuais internos e externos. Os caracteres externos, no caso masculino, identificamos aqui como o pênis e a bolsa escrotal. No pênis destacamos o prepúcio, a glândula e o óstio externo da uretra, SOBOTTA (1977)..

Genitais femininos – aqui identificamos uma característica de negação, pois os caracteres externos não são entendidos como presentes e sequer são mencionados na maior parte da literatura sobre a educação sexual. Fala-se, correntemente, que os genitais femininos se compõem apenas da vagina - que é um “órgão” interno. Os caracteres externos femininos estão contidos na vulva (pudendo) que compreende: clitóris, grandes lábios, pequenos lábios, e no interior destes o óstio externo da uretra e o óstio da vagina e portando o hímen - em mulheres “virgens”. No clitóris destacamos o prepúcio do clitóris e a glândula do clitóris SOBOTTA & BECHER, (1997).

² Dicionário Eletrônico Michaelis

Intercurso Sexual - Intercurso – do latim *intercursu*. Singular, masculino. Comunicação, trato: “Versátil no intercuro sexual, não desdenharia (D. Pedro I) as mulheres aparentemente menos dotadas”.³ Novo Dicionário Aurélio

Sexual - (cs), adj. m. e f. 1. Relativo ao sexo. 2. Que tem sexo. 3. Que caracteriza o sexo. 4. Relativo à cópula: Relação s.⁴

Por adjunção, pode-se definir intercuro sexual como a penetração do pênis no canal vaginal – a cópula, o coito, e ainda, por coito anal se diz da penetração do pênis no ânus.

III – METODOLOGIA

Essa é uma pesquisa de caráter etnográfico, segundo ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSNAJDER (1999), que buscou identificar conceitos sobre gênero e educação sexual, construídos por indivíduos de uma mesma instituição sócio-educativa a partir de metáforas ontogênicas. Optamos por discutir duas questões pelo fato da pesquisa ter se realizado em momentos distintos, com indivíduos pertencentes a uma mesma instituição, uma organização não governamental – ONG. Essa instituição prepara adolescentes aprendizes de 15 a 18 anos por meio de estágio remunerado em empresas públicas e particulares com vistas ao primeiro emprego. O público da pesquisa é representado pelos adolescentes e pelos educadores sociais responsáveis pela formação profissional desses jovens. A primeira questão foi pesquisada com os jovens e com os educadores em situações distintas, a segunda se realizou exclusivamente com os educadores, por se tratar da metodologia dos projetos de educação sexual elaborados por eles e em curso na instituição.

1- Primeira Questão

O objetivo da primeira questão foi levantar as expressões utilizadas por adultos e adolescentes para denominar os genitais e o ato sexual. Esse levantamento realizou-se por meio de cursos, oficinas e palestras de educação sexual no ano de 2003. A partir disso os participantes decodificaram os termos populares identificando as analogias escondidas e investigaram os conceitos de masculino, feminino e identidade de gênero, revelados a partir dos termos decodificados. A reflexão dos grupos foi norteadada pelos estudos de NAGEM (1997) sobre analogias e metáforas e na pesquisa de PARKER (1991) sobre a Sexualidade no Brasil.

A técnica utilizada para o levantamento e análise dos “apelidos” seguiu os seguintes passos:

- Foram afixados cartazes nas paredes da sala com os dizeres: Genitais masculinos; genitais femininos; intercuro sexual; menstruação; masturbação; homossexual. Um cartaz para cada termo com esse escrito ao alto como se fosse um título, deixando espaço para que o grupo de participantes registrasse logo abaixo os apelidos que conhecessem para aquele termo.

- Os termos eram lidos para os participantes que recebiam canetas e eram convidados a se deslocar pela sala escrevendo nos vários cartazes os “apelidos” que conheciam para aqueles termos. Esses não eram explicados inicialmente, considerou-se que os participantes que desconheciam um dos termos acabariam descobrindo do que se tratava a partir dos apelidos que outros colegas fossem registrando. Somente havendo ausência de registro em um dos cartazes se faziam esclarecimentos. Os participantes eram incentivados a escrever todos os apelidos e nomes que conheciam sem censuras.

³ Otávio Tarquínio de Souza, *A vida de D. Pedro I*, I, pp. 106-107) – apud FERREIRA Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª ed., 15ª reimpressão, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1975, p.775

⁴ Dicionário Eletrônico Michaelis, 1999

- A atividade era interrompida quando se percebia que o grupo já estava concluindo os registros e não havia mais pessoas escrevendo nos cartazes (10 a 15 minutos).

- Perguntava-se ao grupo quem gostaria de ler o primeiro cartaz, e assim sucessivamente, até que todos os cartazes fossem lidos.

- Após a leitura de cada cartaz o grupo era solicitado a identificar os nomes e apelidos, que para eles não eram agradáveis de se ouvir. Havendo uma só pessoa que recusasse um dos nomes, este era cortado.

- Quando o participante do grupo dizia não gostar de ouvir um dos nomes, solicitava-se que ele dissesse o porquê desse nome o incomodar.

- Após essa manifestação, o grupo era incentivado a descobrir a que idéias esse nome destacado poderia se associar. Nesse momento, era identificada a metáfora e analisado os sentidos, buscando as analogias que podiam ser feitas relacionando os nomes aos seus significados metafóricos e literais.

- Buscamos também com o grupo, as conseqüências dessas analogias no comportamento das pessoas. Assim, o grupo era incentivado a pensar nos sentidos ocultos e historicamente construídos para aquele termo identificado.

-O passo seguinte, após todos os apelidos serem analisados, foi perguntar ao grupo que nomes eles julgavam adequados e agradáveis para se referir ao termo em questão e então buscávamos um ou mais consensos do grupo para um nome. Houve o cuidado de esclarecer que a escolha do termo é pessoal, porém em grupo a escolha deve ser aceita por todos.

Como resultado, percebemos que, nos grupos estudados, os termos eleitos foram os chamados “científicos” em detrimento dos considerados chulos. Partimos, então, para a construção dos quadros de número três a seis⁵ baseados nas análises metafóricas dos termos, elaboradas pelos grupos participantes da pesquisa:

Quadro 3: Análises dos termos relacionados aos genitais masculinos realizadas pelos agentes da pesquisa.

| Genitais masculinos | Apelidos/ denominações usuais /metáfora | Explicação / conseqüências |
|----------------------------|--|---|
| Pênis | Pau | Instrumento de agressão |
| | Arma Madeira Cacete Ferro | Instrumento para ser empunhado como uma espécie de arma, tanto à violência quanto à violação. |
| | Cobra/Pica | Quando uma cobra ataca diz se que picou |
| | Saco | Onde está contido o sêmen, a força da virilidade. |
| Bolsa escrotal | Encher o saco | Barômetro de paciência |
| | Puxar o saco | Lisonjear / agradar |
| | Saco roxo, sacudo | Virilidade |
| | ovo | Frágil para dor |
| | Baba ovo | Agradar exageradamente |

Fonte: PARKER (1991), NAGEM et alii (2001) e AMARAL (2004)

⁵ A lista de apelidos é bem extensa e cada grupo selecionou aqueles que foram considerados por eles próprios mais significativos

Quadro 4: Análises dos termos relacionados aos genitais femininos realizadas pelos agentes da pesquisa

| Genitais femininos | Apelidos/ denominações usuais / metáforas | Explicação / conseqüências |
|---------------------------|--|---|
| Vulva | Aranha Boca mijada Buceta Porta jóia | Viúva Negra - devora o macho após a cópula. Boca suja, boca de 2ª classe. Bolsa pequena de guardar dinheiro/valores – o pênis é o valor, O pênis é a jóia |
| Clitóris | greló | Broto de planta |
| Hímen | Cabaço do quimbundo - kabasu | Corruptela de cabaça, vegetal ordinário que dá em profusão no campo. |

Fonte: PARKER (1991) , NAGEM et alli (2001) e AMARAL (2004)

Quadro 5: Análises dos termos relacionados ao intercuro sexual realizadas pelos agentes da pesquisa

| Termo | Apelidos/ denominações usuais / Metáforas | Explicação / conseqüências |
|------------------|---|---|
| Intercuro sexual | Trepada Comida Furar o cabaço deflorar Passar a vara Fudida, fuder | Os termos anunciam atos de violação e violência. Os termos passar a vara e fuder são igualmente usado para se referir ao ato sexual e a atos de agressão ou opressão. |

Fonte: PARKER (1991) , NAGEM et alli (2001) e AMARAL (2004)

Após o levantamento e análise dos dados coletados, buscamos a luz de PARKER (1991), NAGEM et alli (2001) e LAKOFF & JOHNSON (2002), juntamente com o grupo, identificar as possíveis metáforas conceituais contidas nos estereótipos advindos das interpretações apontadas, suas explicações e prováveis conseqüências.

Quadro 6: Papéis Sexuais identificando as possíveis metáforas conceituais contidas nos estereótipos, suas explicações e prováveis conseqüências.

| Papéis sexuais/sociais | Metáfora | Explicação | Conseqüências |
|--|---|--|--|
| Masculino- Pai “Ativo” | O sexo forte O sexo nobre O coronel O galo do terreiro machão | Poder, ação, virilidade Há um sexo forte e um sexo frágil e um com poder maior que o outro | Padrão duplo de moralidade, autoridade para dominar |
| Feminino- Mãe/ concubina “Passiva” | O sexo frágil O sexo belo A santa A puta A galinha | Fraqueza, passividade, conduta irrepreensível; Ou conduta reprovável | Desprestígio das funções femininas e opressão das mulheres |
| Masculino – Homossexual passivo | “Viado” (há duas versões para esse termo: corruptela de transviado ou de Veado) Bambi Bichona Bicha Florzinha Maricas (corruptela de Mariazinha) | O veado quando perde seus chifres tem que se afastar do grupo para não ser enxotado pelo veado mais velho Personagem de Walt Disney do filme homônimo. Feminino de bicho, porém com sentido pejorativo. Delicado Mulherzinha falsa, pejorativo, efeminado, covarde, medroso. | Homossexual no Brasil é entendido apenas como aquele que se apresenta “passivo” O “ativo” não é visto como homossexual ou bissexual. A “figura” do homossexual / da homossexualidade é associada à visão de inferioridade feminina e de moral condenável (concubina) |
| Feminino - Homossexual | Sapatão chanfrona | O homem geralmente tem pés maiores que os das mulheres, há uma crença que o pênis possui o mesmo tamanho do pé. Rouba a identidade do homem. | A mulher aqui é vista como uma aberração da natureza, não se enquadra no “padrão” previsto para ela. A mulher é vista como usurpadora. |

Fonte: PARKER (1991), NAGEM et alli (2001), LAKOFF & JOHNSON (2002) e AMARAL (2004)

2- Segunda Questão

Na segunda questão, discutida apenas com os educadores sociais participantes da primeira questão, os mesmos apresentaram seus projetos de educação sexual em curso na instituição pesquisada, e depois foram convidados a construir metáforas que expressassem o eixo norteador desses projetos.

Ao final de cada apresentação propúnhamos a frase; “Nesse projeto educação sexual é”, e os participantes após várias sugestões elegiam uma palavra que identificasse a forma que aquele projeto expressava o sentido de sexualidade.

Em seguida foram apresentadas as correntes metodológicas identificadas por ATUCHA em YAÑES (1991) encontradas no quadro abaixo:

Quadro 7: Correntes Metodológicas de YAÑEZ (1991) baseado em Luiz Maria Aller Atucha

| Concepção | Núcleo | Orientação |
|-------------|--------------------|---|
| Moralista | Religião | Procriação/Reprodução |
| Erótica | Comercio | Prazer |
| Biologista | Biologia | Conhecimento Anatomo-Fisiológico |
| Mecanicista | Ato Sexual | Técnicas Coitais |
| Patologista | Religião/Patologia | Dst/Aids |
| Integral | Socio-Análise | Conhecimento Bio-Psico-Social |
| Dialógica | Vivencial | Conhecimento Bio-Psico-Social E Existencial |

Fonte: YAÑEZ (1991), tradução dos autores

Novamente, pediu-se aos educadores que elessem metáforas que expressassem a idéia central de cada concepção.

Ao final os educadores compararam as metáforas dos projetos que foram apresentados com as metáforas das correntes metodológicas. Como resultado, eles reconheceram que esse formato de discussão e análise cria uma possibilidade real de classificar e localizar os conceitos ocultos que são adotados nas práticas cotidianas.

Para tal, foi usada a Teoria da Metáfora Conceitual de LAKOFF e JOHNSON (2002) permitindo desvendar com os educadores as formas usuais de educação afetivo-sexual na instituição e identificar sua presença na prática cotidiana de cada educador participante.

Como resultado acrescentamos ao Quadro das *Correntes Metodológicas*, as metáforas conceituais referentes a cada *Corrente*, e construímos o novo quadro que segue abaixo:

Quadro 8: Correntes Metodológicas baseadas na Teoria da Metáfora Conceitual de LAKOFF & JOHNSON (2002)

| Concepção | Núcleo | Orientação | Metáfora Conceitual |
|-------------|------------------------|---|---|
| Moralista | Religião | Procriação/Reprodução | Sexo é Reprodução |
| Erótica | Comércio | Prazer | Sexo é Prazer |
| Biologista | Biologia | Conhecimento Anatomo - Fisiológico | Sexo é Anatomia e Fisiologia Genital |
| Mecanicista | Ato Sexual | Técnicas de coito | Sexo é Desempenho Sexual |
| Patologista | Religião/ Patologia | DST/Aids | Sexo são Doença e Morte |
| Integral | Sócio- Análise | Conhecimento Bio-Psico-Social | Sexo é Corpo Psico-Social |
| Dialógica | Vivencial | Conhecimento Bio-Psico-Social e Existencial | Sexo é Sexualidade e Sexualidade é Vida |

Fonte: original

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho nos levou a perceber que a força da matriz ideológica patriarcal PARKER (1991) é reafirmada e inconscientemente assumida a partir das metáforas de uso corrente nas denominações ligadas à sexualidade.

O mesmo acontece quando o educador define uma corrente metodológica, ou seja, a ideologia que orienta suas ações e que se expressa na metáfora conceptual que se lhe é atribuída.

Embora se tenham inúmeras metáforas cristalizadas, as idéias que elas contêm continuam a fazer sentido numa cultura ainda discriminadora, com relação à mulher e as diferenças de orientação de desejo.

Porém, o estudo e a aplicação sistemáticos das analogias e metáforas revelaram o quanto à educação sexual se utiliza desses recursos e de como alunos e profissionais de educação podem se beneficiar desse conhecimento. Pudemos notar que ocorreu um aumento das percepções críticas em relação ao discurso oral, tanto dos educandos quanto dos educadores envolvidos na atividade aplicada. A experiência sugere o aprofundamento das pesquisas em analogias e metáforas na educação sexual, principalmente como operação cognitiva. Constatou-se também a maior facilidade de compreensão dos temas trabalhados, e a melhoria na percepção crítica das questões de gênero e das correntes metodológicas.

Finalmente, sugerimos o uso de analogias e metáforas como ferramentas em educação sexual a fim de permitir rever conceitos e reformular comportamentos e crenças morais, contribuindo com a desconstrução de mitos, ideologias discriminadoras e tabus.

V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES-MAZZOTTI, A.J. ; GEWANDSNAJDER, F. o Método das Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. S. Paulo: Pioneira 2ª ed., 1999
- AMARAL, Silvia E. Analogias e Metáforas na Educação Sexual. Palestra apresentada no Grupo de Estudos de Metáforas e Analogias na Tecnologia, na Educação e na Ciência – GEMATEC – no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte. Setembro de 2002
- AMARAL, Silvia E. Analogias e Metáforas na Educação Sexual. Palestra apresentada no Grupo de Estudos de Metáforas e Analogias na Tecnologia, na Educação e na Ciência – GEMATEC – no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte. Maio de 2004
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. 1ª Ed. Brasília: MEC /SEF, 1998.
- DIAZ, Margarita; OLIVEIRA, Francisco José Cabral. Relações de Gênero. In: SEE-MG Fundação Odebrecht. Afetividade e Sexualidade na Educação- um novo olhar. Belo Horizonte: SEE-MG Fundação Odebrecht., 1998. P.132-150.
- DUIT, Roy. On the role of analogies and metaphors in learning science. Science Education, v6, n. 75, New York, p.649-672, 1991.
- FERREIRA, Aurélio B.H., Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 1ª ed., 15ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.
- HIGHWATER, Jamake. Mito e Sexualidade, (tradução de João Alves dos Santos) 1ª edição. São Paulo: Saraiva, 1992.
- LAKOFF, George ; JOHNSON, Mark. Metáforas da vida cotidiana. (Coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto) 1ª edição – Campinas, SP, Brasil: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002
- NAGEM, Ronaldo L. Expressão e recepção do pensamento humano e sua relação como processo de ensino e de aprendizagem no campo da ciência e da tecnologia: Imagens, metáforas e analogias. Seminário de Metodologias de Ensino na Área da Educação em Ciência. Concurso Público para o Magistério Superior no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1997, 55 p.
- NAGEM, Ronaldo. L. et all. Uma proposta de metodologia de ensino com analogias. Revista Portuguesa de Educação. V.2, n.14, p. 197-213, 2001.

PARKER, Richard.G. *Corpos, Prazeres e Paixões: A cultura sexual no Brasil Contemporâneo*. Edição. São Paulo: Editoras Nova Cultural LTDA e Best Seller, 1991.

SOBOTTA, J; BECHER, H.. *Atlas de Anatomia Humana: Tomo II*. 17ª edição, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan: 1977.

SOUZA, Iara V. P. de, *Representações Metafóricas do Conceito de Informação: Uma Investigação*. Trabalho apresentado para exposição em pôster no XXVI Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciências e Gestão da Informação - Anais. Curitiba, 2003

YAÑES, Victor A.. *Hablemos de Sexo*. 1ª ED. Lima: Argos Editores, 1991.

ZANOTTO, Mara S.; MOURA, Heronides M. de M. ; NARDI, Maria Isabel A.; VEREZA, Solange C. Apresentação à Edição Brasileira in LAKOFF, George ; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. (Coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto) 1ª edição – Campinas, SP, Brasil: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002